

MONOPARENTALIDADE: UM ESTUDO SOBRE O IMPACTO NO SUCESSO ESCOLAR

SINGLE PARENTALITY: A STUDY ON THE IMPACT IN SCHOOL SUCCESS

Marisa Pacheco¹
Paulo Falcão Alves²

RESUMO: Uma das realidades sociais que temos vindo a observar nos últimos tempos tem a ver com o surgimento de novas estruturas e reorganizações familiares associadas ao aumento das famílias monoparentais. As famílias monoparentais tendem a ser mais vulneráveis em relação às famílias tradicionais, levando, por vezes, que a atenção disponibilizada aos filhos possa ser menor. Pretendemos verificar, através de um estudo quantitativo, com a aplicação de um inquérito por questionário, se a estrutura familiar **influencia**, de forma positiva ou negativa, o sucesso escolar das crianças. Embora algumas investigações pareçam indicar que as famílias monoparentais são mais vulneráveis do que as tradicionais, os resultados obtidos neste estudo indicam que o sucesso escolar não é influenciado.

Palavras-Chave: Criança. Família. Monoparentalidade. Sucesso escolar.

1496

ABSTRACT: One of the social realities that we have been observing in recent times has to do with the emergence of new family structures and reorganizations associated with the increase of single-parent families. Single-parent families tend to be more vulnerable than traditional families, sometimes leading to less attention given to their children. We intend to verify, through a quantitative study using a questionnaire survey, whether family structure has a positive or negative influence on children's academic success. Although some research seems to indicate that single parent families are more vulnerable than traditional families, the results obtained in this study indicate that school success is not influenced.

Keywords: Child. family. Single parenthood. School success.

¹Mestre em Educação Social pela Universidade do Algarve.

²Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho na variante Sociologia da Comunicação e Informação, com licenciatura em Ciências da Comunicação pela Universidade Fernando Pessoa, na variante Publicidade, e mestrado em Ciências da Comunicação pela mesma Universidade na variante Comunicação Publicitária. É subdirector da Licenciatura em Ciências da Comunicação da Escola Superior de Educação e Comunicação (ESEC) da Universidade do Algarve, professor convidado na Universidade São José de Macau e investigador colaborador do CIAC - Centro de Investigação em Artes e Comunicação.

RESUMEN: Una de las realidades sociales que venimos observando en los últimos tiempos tiene que ver con la aparición de nuevas estructuras y reorganizaciones familiares asociadas al aumento de las familias monoparentales. Las familias monoparentales tienden a ser más vulnerables que las familias tradicionales, lo que en ocasiones se traduce en un menor nivel de atención a sus hijos. Pretendemos verificar, a través de un estudio cuantitativo con la aplicación de una encuesta por cuestionario, si la estructura familiar influye, de forma positiva o negativa, en el éxito escolar de los hijos. Aunque algunas investigaciones parecen indicar que las familias monoparentales son más vulnerables que las familias tradicionales, los resultados obtenidos en este estudio indican que el éxito escolar no se ve influenciado.

Palabras clave: Niño. Familia. Monoparentalidad. Éxito escolar.

INTRODUÇÃO

No decorrer dos anos, a nossa sociedade tem vindo a sofrer alterações nomeadamente no que diz respeito às questões familiares. A família é um conceito que está ligado a todos nós e à sociedade em geral, tornando-se por vezes difícil aceitar quaisquer alterações provenientes da sua natural transformação. Sabe-se que o conceito de família, como era conhecido nos tempos antigos mudou, dando origem a novas tipologias familiares. Para o nosso estudo iremos centrar-nos apenas nas famílias tradicionais e monoparentais portuguesas. Em 2011 Portugal contava com 398.170 famílias monoparentais (num universo de 4.043.726 famílias tradicionais) e em 2021 com 452.835 famílias monoparentais (num universo de 4.149.096 famílias tradicionais) (Pordata, 2021).

1497

O divórcio é um dos principais motivos para a origem de *novas famílias* e novas estruturas familiares. Em Portugal o número de divórcios tem aumentado drasticamente, sendo que a partir de 2007 até 2019, por cada 100 casamentos, mais de metade dos casais se divorciou, registando em 2011 a maior percentagem de divórcios com cerca de 74% (Pordata, 2021).

Tal como a família, também a educação tem sofrido alterações com o passar dos anos. No tempo dos nossos pais e avós, a escolaridade obrigatória situava-se em quatro anos de ensino primário, ingressando os jovens ainda antes da idade adulta, no mundo do trabalho. O direito à educação faz parte da Declaração Universal dos Direitos Humanos (Nações Unidas, 1948), cabendo aos pais proporcionar aos seus filhos as melhores condições possíveis para uma boa aprendizagem, e ajudá-los sempre que necessário a ultrapassarem as dificuldades e obstáculos que aparecem ao longo do percurso escolar. Importa referir que o

sucesso escolar não depende somente da criança, mas sim de várias dimensões como a nível pedagógico, institucional e familiar (Azevedo, 2012).

Face às mudanças ocorridas nos papéis familiares e à constante reorganização familiar, a valorização de «*laços emocionais, socialização, educação, proteção*» (Carvalho & Baptista, 2004) são essenciais para um harmonioso núcleo familiar.

Tendo em consideração todas estas transformações surgiu uma questão de partida que deu origem à problemática deste estudo – Terá a monoparentalidade influência no (in)sucesso escolar das crianças?

Partindo desta questão, iniciamos a nossa investigação tendo em conta dois objetivos principais. O primeiro objetivo pretende conhecer a relação das crianças face à sua tipologia familiar, ou seja, perceber se passam tempo em família, se existe comunicação, entajuda e confiança entre pais e filhos.

O segundo objetivo tem a ver com a análise das crianças em relação ao seu desempenho escolar, se têm uma boa capacidade de aprendizagem, um bom empenho escolar e se têm a ajuda necessária por parte da família.

Neste sentido, e partindo de uma análise comparativa entre famílias tradicionais e monoparentais, iremos tentar perceber se as estruturas familiares têm um impacto, positivo ou negativo, no seu sucesso escolar.

1498

i. Família

A conceção e evolução do conceito de família tem vindo a mudar no decorrer dos anos. Embora tenha vindo a sofrer alterações desde o tempo dos nossos bisavós, avós e pais, este não deixa de ser um conceito presente na maioria das sociedades contemporâneas, enraizado desde os tempos antigos. Será, portanto, pertinente iniciar a nossa revisão bibliográfica através da discussão concetual desta temática que nos é tão próxima.

A família é um conceito utilizado desde a antiguidade até aos nossos dias, estando a sua origem ligada a cada civilização existente, fruto de um processo natural em que o ser humano desenvolve relações e ligações entre os seus pares (Silva & Guedes, 2015). Olhando para o passado, o estereótipo que nos foi inculcado, e que tem vindo a prevalecer ao longo de gerações, a família é constituída por pai, mãe, filhos e por outros entes queridos que façam parte do mesmo núcleo familiar. Tal como referem Silva e Guedes (2015) em comparação à família romana, a família era «formada por um conjunto de pessoas e coisas que estavam submetidas a um chefe: o pater famílias. Esta sociedade primitiva era conhecida como

família patriarcal que reunia todos os seus membros em função do culto religioso, para fins políticos e económicos» (Silva & Guedes, 2015, p.3). Seguindo a mesma linha de pensamento, Prado (2017) explica o conceito de família.

Origina-se do latim *famulus*, que significa: conjunto de servos e dependentes de um chefe ou senhor. Entre os chamados linha dependentes, incluíse a esposa e os filhos. Assim, a família greco-romana compunha-se de um patriarca e seus fâmulos: esposa, filhos, servos livres e escravos

(Prado, 2017, p.37).

Já para Alarcão (2002), a família é vista como o local onde nascemos, crescemos e morremos, e dentro desse longo percurso de vida podemos ter mais do que uma família. Contudo é nela que temos as primeiras aprendizagens e interações que nos vão permitir futuramente criar um conjunto de características que nos distinguem uns dos outros, «*mas a família é, também, um grupo institucionalizado, relativamente estável, e que constitui uma importante base da vida social*» (Alarcão, 2002, p.37).

Não existe uma definição universal para o conceito de *família*, isto porque todas as famílias são diferentes assim como as pessoas que a constituem. Apesar da família tradicional ser a tipologia familiar mais conhecida desde os tempos antigos, a industrialização e o desenvolvimento urbano do século XIX e XX, veio alterar vários conceitos e ideologias, tanto económicas, de grupos locais, como também dos sistemas de parentesco. E com isto, a família tradicional, ou família conjugal, muda a sua postura na sociedade, adotando várias ideologias e valores (Lauwe & Lauwe, 1965).

Tal como as funções familiares, também os papéis sociais e as relações estabelecidas dentro do contexto familiar sofreram alterações com a evolução que se fez surgir e por esse motivo merecem aqui ser referidas. Na abordagem de Lauwe e Lauwe (1965), cada elemento familiar desempenha um papel social que consiste em determinadas funções. Assim, e seguindo a mesma linha de pensamento de Santos (1969), os papéis sociais, sejam eles a imagem de pai, de mãe ou de filhos, são determinados pelos seus comportamentos. Estes papéis, tais como as funções familiares variam muito conforme a cultura em que os indivíduos estão inseridos. Os papéis sociais e as modificações que existiram, estão inevitavelmente ligados à transformação existente nas funções desempenhadas pela família.

O papel da mulher deixou de ser somente *doméstico* e passou a ser inserido também noutros contextos, tais como o familiar, profissional e o político, aproximando-se cada vez mais do papel do homem. Em relação ao homem, ao contrário da mulher que passou a adotar

um papel social mais abrangente, este deixou de ser o único a sustentar a família, passando a adotar outros papéis que antes eram atribuídos somente às mulheres. Apesar de ainda ser considerado um contributo essencial para a estrutura económica familiar, o homem passou a participar mais na vida doméstica e o seu papel como pai é preenchido de uma maneira mais presente, nomeadamente para com os filhos mais novos, onde a presença paternal foi ganhando cada vez mais importância (Santos, 1969).

Relativamente às relações familiares, é de notar que todos estes fatores, sejam eles funções, papéis sociais e toda esta reestruturação familiar, implicaram uma mudança nas estruturas familiares. Em consequência disto, as relações familiares que outrora se apresentavam como sendo rígidas e distantes, ganharam outro significado e deram prioridade ao amor e afeto.

Lauwe e Lauwe (1965) voltam a debruçar-se sobre esta questão referindo que a família começa a corresponder às expectativas dos jovens que pretendiam que a família deixasse de ser um fator prisioneiro, mas antes promotora de um clima de afetos onde todos se sentem seguros e felizes. Todavia, conforme o que foi exposto, não restam dúvidas que a família adotou o perfil de afeto e amor o que deu origem a novas famílias, o que se entende por novas estruturas familiares.

1500

Wagner et al. (2011) chamam à atenção para a compreensão da estrutura familiar não apenas como modo de configuração familiar. Consideramos que é importante a distinção entre estes dois conceitos para que se possa entender as suas diferenças. Uma vez que a estrutura familiar (figura 1.2), diz respeito ao modo e às interações existentes no núcleo familiar, a configuração familiar (figura 1.1), atende ao «conjunto de elementos/personagens que compõem o núcleo familiar» (Wagner et al., 2011).



Figura 1.1 – Configuração familiar (Wagner et al., 2011, p.21)

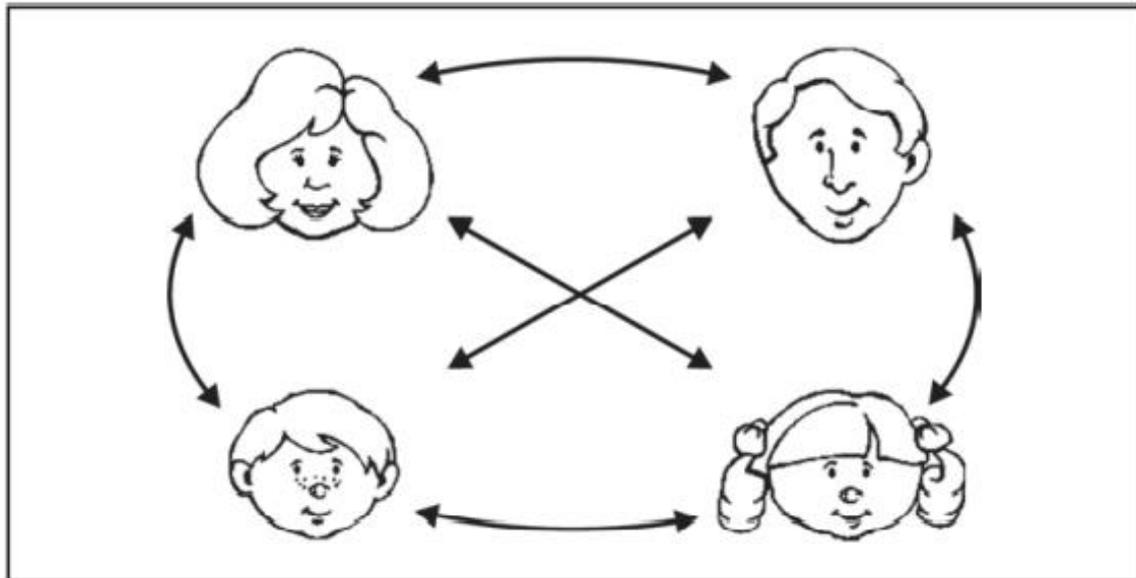


Figura 1.2 – Estrutura familiar (Wagner et al., 2011, p.22)

Em virtude dos factos mencionados, resta-nos referir que ao conhecer estes dois conceitos, consegue-se perceber que existe uma vasta multiplicidade de núcleos familiares, sendo que todos são diferentes, quer na sua configuração, quer na estrutura que desempenham.

1501

Nos dias que correm, cada vez mais, o modelo tradicional é substituído por outros modelos, sendo que a geração mais jovem prefere adotar *livres conveniências*, ou seja, rejeita tudo o que tenha haver com a consagração formal e jurídica (Dias, 2000).

Vásquez Rúa (2005), também revelam outra tipologia familiar, neste caso as famílias monoparentais, que se formam por diversas causas, sendo elas a separação ou o abandono, onde a família passa a ser composta só pela mãe e filho(a/os/as) ou pelo pai e filho(a/os/as). Por fim, a mesma autora salienta ainda outra tipologia familiar, as famílias homossexuais, provenientes de casais do mesmo sexo.

Prado (2017) aborda esta questão como *famílias alternativas*. Segundo a autora estas *famílias alternativas* não se encaixam nos conceitos tradicionais de família, abordando um conjunto de tipologias familiares que vão ao encontro a teorias de outros autores. Existe assim a família criada em torno de um *casamento de participação*, ou seja, o casal nega complemente o modelo tradicional de papéis atribuídos ao homem e à mulher, e ambos participam de igual maneira nas tarefas domésticas. O *casamento experimental*, em que o casal vive junto há algum tempo, mas só legaliza a situação depois do nascimento de filhos. Outra

tipologia familiar que a autora revela é a *união estável* ou *união livre* que consiste exatamente na mesma abordagem de Dias (2011) assim como a família homossexual.

As famílias monoparentais femininas ocupam desde 1992 a 2019 uma percentagem de 85 % no universo dos agregados domésticos privados monoparentais, o que indica que uma larga maioria das famílias monoparentais em Portugal, são famílias constituídas pela mãe e filho(a/os/as) (Pordata, 2021).

Como refere Minuchin (1982), «*temos de aceitar que, no nosso tempo e na nossa cultura, uma família onde houver uma separação/divórcio é uma organização viável.*».

Na mesma linha de pensamento, também Wall (2003) refere que as famílias monoparentais são constituídas por uma mãe ou um pai que vivem só com os seus filhos. No entanto, a autora refere que estas são famílias com uma maior vulnerabilidade tanto a nível económico como naquilo que diz respeito aos cuidados prestados aos filhos.

As crianças e os jovens, após a separação dos pais, tendem a enfrentar uma crise emocional que possuiu diversas implicações ocorrendo diversas mudanças, tanto a nível familiar, social e pessoal. Todas essas mudanças provenientes da rutura familiar provocam na criança, e no jovem, um conjunto de sentimentos bastante complexos associados ao medo e ao abandono em relação aos familiares. Um dos factos que leva muitas crianças e jovens a se sentirem abandonados, deve-se ao facto de, na maioria dos casos, não existir qualquer comunicação entre pais e filhos sobre este assunto, levando-os a pensarem nos piores cenários existentes (Ramires, 2004).

1502

Considera-se que a falta de comunicação entre os pais e filhos implica que por vezes, durante o processo de separação, que as crianças e os jovens passem por uma tremenda solidão e falta de informações sobre o que está a acontecer (Ramires, 2004).

Nos jovens podem provocar comportamentos mais preocupantes e desajustados, podendo levar a consequências graves se não forem bem compreendidos e explicados. Cabe aos pais, independentemente de tudo, proporcionar aos filhos o bem-estar físico e psicológico.

2. (In) Sucesso Escolar

O (in)sucesso escolar, tem sido estudado com profundidade ao longo dos anos. Existe uma grande quantidade de fatores que influenciam o sucesso académico dos alunos. Não existem *formas de vida* iguais e, portanto, também o sucesso escolar sofre com isso.

Azevedo (2012) refere que o (in)sucesso escolar depende de várias dimensões, quer ao nível pessoal, pedagógico, institucional ou familiar/local.

Ao nível pedagógico, as dimensões apresentadas focam sobretudo o meio escolar, ou seja, a gestão da sala de aula, a relação professor-aluno, as metodologias de ensino-aprendizagem, as práticas avaliativas e os critérios organizacionais das turmas. Assim, tal como acontece ao nível pedagógico, também em relação às dimensões institucionais, o foco está nas escolas, sendo que o clima escolar, o projeto educativo da escola, a participação dos pais na escola, a oferta formativa e a política escolar, representam alguns dos fatores que influenciam (in)sucesso escolar. Por fim, e não menos importante, o autor refere uma quarta dimensão que abrange o conceito familiar/local como influenciador do (in)sucesso escolar, sendo que o envolvimento da comunidade local na educação, a composição étnica da população, o nível de escolaridade da população e a política educativa local, são alguns dos fatores mencionados.

Azevedo (2012), esclarece que na sociedade atual, os fatores determinantes do sucesso escolar são sobretudo os resultados obtidos nas avaliações sumativas, os processos de ensino-aprendizagem e a quantidade de crianças/jovens que transitam de ano. Ou seja, estes fatores continuam a ter um grande peso em relação aos fatores individuais e sociais. O autor esclarece ainda que perante o (in)sucesso escolar, os alunos mais desfavorecidos, tanto a nível económico como a nível social, são aqueles que detêm um maior insucesso escolar.

1503

Para Bolívar (2005), o (in)sucesso escolar assenta sobretudo numa análise entre desigualdade e igualdade de oportunidades na educação. O sucesso nos estudos são, ou não, determinados pelas desigualdades sociais e pelo meio social dos alunos?

Almeida et al. (2008), esclarece que o sucesso ou fracasso escolar, segundo as opiniões de vários alunos, organiza-se em seis fatores, sendo eles: a capacidade (grau das suas habilitações); o esforço (a energia do indivíduo para levar até ao fim a sua tarefa); as estratégias (os métodos que os indivíduos utilizam para chegarem aos seus objetivos); a tarefa (dificuldades sentidas nas tarefas escolares); os professores (o papel, as funções exercidas, a personalidade) e a sorte (peso do azar ou sorte no desempenho escolar). Almeida et al. (2008) referem ainda que todas as dimensões apontadas são responsáveis pelos sucessos ou insucessos escolares e desempenham um papel fundamental nas emoções e motivação dos alunos face às suas aprendizagens.

Num estudo feito pelos mesmos autores, sobre as atribuições causais para o sucesso e insucesso escolar, foram aplicados uma série de questionários a alunos para determinar as causas possíveis do (in)sucesso escolar. Como resultado desse estudo verificou-se que os

alunos consideraram que os seus resultados escolares foram conseguidos sobretudo através do esforço e das bases de conhecimentos, sendo por último a falta de sorte ou capacidade.

Tal como Martini e Del Prette (2005), defendem, o sucesso e insucesso escolar detém uma influência bastante grande nas emoções, sentimentos e motivação dos alunos.

A estabilidade de uma causa, por exemplo, determina as expectativas de sucesso ou de fracasso futuro. A integralidade influencia as reações afetivas, a autoestima, o orgulho e o autoconceito. A controlabilidade exerce efeitos diversos sobre as expectativas, a motivação e as emoções.

(Martini & Del Prette, 2005, p.356).

Muitos pais perguntam-se: Mas qual será a melhor forma de lidar com o meu filho? Porque é que o meu filho não me ouve? Sabemos que ser pai ou mãe representa um papel de grande responsabilidade, principalmente quando os filhos chegam à idade da adolescência onde os conflitos familiares tendem em ser cada vez mais comuns. A adolescência é a fase da vida onde ocorrem mudanças físicas, emocionais e afetivas em todos os indivíduos que por ela passam. É também na adolescência que os jovens exploram a sua vida pessoal e social de uma forma intensa.

Para Palácios a adolescência é *“uma etapa que se estende, a grosso modo, dos 12-13 anos até aproximadamente o final da segunda década da vida. Trata-se de uma etapa de transição, na qual não se é mais criança, mas ainda não se tem status de adulto”* (Palácios, 2004, p.263).

1504

Para o autor, esta é fase em que os jovens estão numa aprendizagem para a vida adulta, onde começam a explorar e a compreender o conceito de ser adulto.

“Não existe uma adolescência, e sim várias” (Becker, 2017).

É importante compreender que é nesta fase que os jovens estão mais vulneráveis e onde é estritamente necessário o apoio da família. Quando existe uma quebra familiar, separação ou divórcio, é perfeitamente normal que os jovens se sintam revoltados e magoados, levando-os, por vezes, a criar conflitos não só com os pais mas também com eles próprios. Isto porque, tal como explica Becker (2017), quando são crianças, os pais são perfeitos e são o seu porto de abrigo, mas quando as crianças passam a adolescentes, a visão parental passa a ser diferente. São constantemente confrontados com os seus erros e as suas fraquezas e não conseguem aceitar os conselhos e as ideologias dos pais. Isto provoca nos jovens um sentimento de culpa, desejo de independência e autonomia. O contexto familiar e o clima existente em cada família é dinâmico e diferente. Numa fase em que os jovens estão em constante confronto pessoal e social é extremamente necessário o apoio parental, principalmente no processo de educação.

Además hay que tener presente que el sistema familiar no es algo esgo estático sino denámico y está en un continuo cambio que interfiere em el clima familiar perturbando la homeostasis existente y provocando crisis, una de las cuales puede ser la evolutiva y si los conflictos inherentes a la etapa evolutiva de la pubertad se unem al clima familiar existente podemos plantearnos que factores de este clima familiar van a ser más relevantes tanto en el rendimiento del adolescente como en otras variables sociofamiliares y de interacción con el entorno (Jiménez et al., 1999, p.454).

Segundo Jiménez et al. (1999), existem três dimensões no funcionamento familiar que determinam as relações existentes entre pais e filhos, nomeadamente: a)- a comunicação e a habilidade para a resolução de problemas; b)- sistemas de crenças e c)- estrutura familiar.

Como referido anteriormente, a comunicação entre familiares é essencial para um bom clima familiar. É preciso existir comunicação para a resolução de problemas e um apoio familiar constante para superar as adversidades sociais. Uma família que careça de comunicação não vai ser capaz de resolver problemas, essencialmente no que diz respeito aos filhos na idade da adolescência, o que faz com que em vez de resolver os conflitos existentes ainda os podem tornar mais complexos.

Resumidamente, um clima e apoio familiar positivo é sem dúvida o melhor cenário que as famílias podem adotar, mas para que este exista, as famílias têm que ser capazes de o proporcionar, sendo os pais os principais detentores dessa tarefa, de apoiar os seus filhos nas melhores e piores fases da sua vida, no percurso escolar, proporcionando um ambiente familiar harmonioso e saudável.

1505

Perante os dados apresentados decidimos colocar as seguintes hipóteses:

Hipótese 1. Com o aparecimento de novas estruturas familiares, as famílias tornam-se instáveis e com uma maior vulnerabilidade.

Dias (2000), refere que tem sido cada vez mais visível a adoção de estruturas familiares opostas à família tradicional que anteriormente era institucionalizada no modelo social. Esta mudança veio trazer tendências para um seio familiar mais instável, com modos de viver diferentes e com problemas mais graves. Segundo Wall (2003) as famílias monoparentais são mais vulneráveis tanto a nível económico como aos cuidados prestados às crianças e jovens.

Hipótese 2. *Os jovens tendem em adotar uma série de sentimentos de medo e abandono por parte dos pais devido à falta de comunicação entre pais e filhos.*

Conforme Ramires (2004), um dos factos que leva muitas crianças e jovens a se sentirem abandonados e com medo é porque na maioria dos casos não existiu qualquer

comunicação entre os pais e filhos sobre este assunto, o que os leva a pensarem nos piores cenários existentes.

Hipótese 3. *O (in)sucesso escolar dos jovens é determinado por uma série de fatores, tais como pessoais, familiares, pedagógicos e sociais, sendo o apoio parental um fator importante para o sucesso escolar.*

Schaffer (1980), esclarece que as interações existentes entre pais e filhos, assim como as expressões utilizadas no contexto familiar, determinam grande parte o tipo de personalidade que as crianças/jovens vão adotar futuramente, quer nível pessoal quer a nível escolar.

Hipótese 4. *Os jovens inseridos em famílias monoparentais têm um maior insucesso escolar do que nas famílias tradicionais.*

Segundo Wall (2003) as famílias monoparentais são mais vulneráveis tanto a nível económico como aos cuidados prestados às crianças e jovens. Assim, também Azevedo (2012), esclarece que tanto a nível económico como a nível social os alunos mais desfavorecidos são aqueles que detêm um maior insucesso escolar. Para Weiner (1986, 1988), a explicação para o sucesso ou fracasso escolar segundo as opiniões de vários alunos, organiza-se em seis fatores, sendo eles: capacidade (grau das suas habilitações); o esforço (a energia do indivíduo para levar até ao fim a sua tarefa); as estratégias (os métodos que os indivíduos utilizam para chegarem aos seus objetivos); a tarefa (dificuldades sentidas nas tarefas escolares); os professores (o papel, as funções exercidas, a personalidade) e por fim a sorte (peso do azar ou sorte no desempenho escolar).

1506

3. METODOLOGIA

Para a caracterização da amostra, foi proposto apenas um critério de seleção - crianças a frequentar o 5º ano, 6º ano, 7º ano, 8º ano e 9º ano de escolaridade.

Deste modo, decidimos aplicar uma amostra não-probabilística, onde a escolha dos elementos foi feita de forma não-aleatória, considerando as características particulares do grupo em estudo. A amostra foi constituída por 114 indivíduos, 68 do sexo feminino (60%) e 46 do sexo masculino (40%).

Relativamente às idades dos inquiridos, esta variou entre os 10 e os 19 anos, verificando-se um maior número de inquiridos com idades compreendidas entre os 11 anos (19%) e os 12 anos (23%), sendo que a média das idades foi de 12 anos

Em relação à escolaridade, não existiu uma grande discrepância em relação ao número de inquiridos, no entanto foi no 5º ano onde se obteve maior número de respostas com uma percentagem de 27%, seguido pelo 8º ano e 9º ano, ambos com 20,2%. No que toca a alunos repetentes, podemos verificar que a maioria dos alunos não repetiu nenhum ano de escolaridade, correspondendo a 102 inquiridos (90%).

Comparativamente à tipologia familiar, podemos verificar que a família tradicional é aquela que mais sobressai perante os resultados, sendo que mais de metade dos inquiridos vive com os pais (58%).

3.1. Análise e discussão de resultados

A análise estatística descritiva do questionário parece indicar que a maioria dos inquiridos (96%) sente o apoio dos seus pais ($n=109$), existindo apenas uma mínima parte (4%) de inquiridos que não sentem apoio por parte das suas famílias. Relativamente ao tempo que os pais passam com os seus filhos, a grande maioria dos inquiridos (87%) concordam que os pais despendem tempo para passar em família ($n=99$). Ainda relativamente ao tempo despendido em família, nota-se que 85% dos inquiridos consideram que vão frequentemente passear com os seus pais ($n=97$).

1507

Já no que toca às necessidades económicas sentidas pelas famílias, 65% dos jovens consideram que os seus pais não sofrem quaisquer dificuldades nesse âmbito ($n=74$), contudo dos 114 inquiridos, 35% sentem que as suas famílias passam por algumas dificuldades ($n=40$).

Relativamente aos problemas sentidos em contexto familiar, os dados parecem indicar que a grande parte dos jovens (86%) concordam que os pais comunicam com eles se surgir algum dilema familiar ($n=98$). Esta comunicação entre pais e filhos, reflete-se também na concordância generalizada no que diz respeito ao apoio familiar, onde 90% dos inquiridos concordam que se sentem apoiados pelas famílias ($n=102$) nas suas decisões pessoais e ainda que se sentem totalmente confortáveis para falar com os seus pais (81%) se existir alguma questão pessoal que os incomode ($n=92$).

Em relação à resolução de problemas em família, a maioria dos jovens (91%) também sente que os seus pais os incluem nesse contexto ($n=104$), existindo assim a possibilidade de encontrar soluções em conjunto.

No que diz respeito às questões escolares, 95% dos inquiridos referem que os pais se preocupam com as suas notas ($n=108$), assim como a grande parte (79%) concorda que os

pais os ajudam na realização dos trabalhos de casa (n=90), existindo apenas uma minoria de inquiridos (21%) que não têm esse apoio por parte dos seus pais (n=24). Comparativamente aos dados apresentados, as famílias dos jovens inquiridos parecem apoiar o percurso escolar (95%), existindo um incentivo por parte dos pais em manter e melhorar o sucesso escolar dos seus filhos (n=108). Assim, na questão - Concordas que tens um bom desempenho escolar? cerca de 88% considera o seu desempenho bastante positivo (n =100).

Relativamente às dificuldades sentidas pelos jovens, os dados parecem indicar que a maioria dos inquiridos (79%) discorda ter quaisquer dificuldades no seu percurso escolar (n=69). Por fim, no que diz respeito ao sucesso escolar poder estar ligado a fatores de sorte e azar, a grande maioria dos jovens (80%) discordam com esta questão (n=91) tal como verificado por Almeida et al. (2008).

Partindo agora para uma análise comparativa entre as famílias tradicionais e as famílias monoparentais, podemos observar que a totalidade das crianças pertencentes a famílias tradicionais se sentem completamente apoiadas pelas suas famílias, enquanto as crianças que vivem em famílias monoparentais masculinas são as que, ligeiramente, se sentem menos apoiadas (**tabela 1**).

Tabela 1. Sentes-te apoiado pela tua família.

	Concordo / Concordo totalmente	N
Vive com Pai e Mãe	100%	66
Vive só com o Pai	86%	6
Vive só com a Mãe	91%	29

1508

Relativamente ao tempo passado em família, é nas famílias tradicionais que predomina a maior percentagem de tempo despendido comparativamente às famílias monoparentais (**tabela 2**).

Tabela 2. Os teus pais passam muito tempo contigo.

	Concordo / Concordo totalmente	N
Vive com Pai e Mãe	95%	63
Vive só com o Pai	72%	5
Vive só com a Mãe	72%	23

Na mesma linha dos dados apresentados anteriormente, é também na família tradicional que as crianças referem que os seus pais tiram algum tempo para passear em família nos tempos livres, embora com uma percentagem muito aproximada à das famílias monoparentais, onde as famílias monoparentais masculinas parecem ser aquelas que despendem menos tempo (**tabela 3**).

Tabela 3. Os teus pais levam-te a passear nos teus tempos livres.

	Concordo / Concordo totalmente	N
Vive com Pai e Mãe	89%	59
Vive só com o Pai	72%	4
Vive só com a Mãe	81%	26

Em relação às necessidades económicas sentidas pelas crianças, embora os dados pareçam indicar que a generalidade dos inquiridos não parece viver com necessidades económicas, é nas famílias monoparentais que este fenómeno parece ter mais relevância, podendo indicar que nas famílias monoparentais as crianças tendem a evidenciar uma maior carência económica (**tabela 4**).

Tabela 4. Sentes que os teus pais têm necessidades económicas

	Discordo/ Discordo totalmente	N
Vive com Pai e Mãe	71%	47
Vive só com o Pai	57%	4
Vive só com a Mãe	53%	17

Analisando agora a comunicação entre pais e filhos, os dados apresentados indicam que mais uma vez, é na família tradicional onde existe uma maior comunicação familiar. Já nas famílias monoparentais, embora as percentagens sejam menores, a comunicação com os pais é bastante positiva (**tabela 5**).

1509

Tabela 5. Os teus pais falam contigo se existir algum problema familiar.

	Concordo / Concordo totalmente	N
Vive com Pai e Mãe	91%	60
Vive só com o Pai	72%	5
Vive só com a Mãe	78%	25

Relativamente à aceitação das decisões pessoais das crianças, os dados parecem indicar que é nas famílias tradicionais que existe uma maior aceitação, embora que ligeira em relação às famílias monoparentais (**tabela 6**).

Tabela 6. Os teus pais aceitam e apoiam as tuas decisões pessoais.

	Concordo / Concordo totalmente	N
Vive com Pai e Mãe	94%	62
Vive só com o Pai	86%	6
Vive só com a Mãe	84%	27

Para além de se sentirem apoiados, a comunicação entre pais e filhos passa também pela confiança em falar com os seus progenitores. Neste sentido, os dados parecem indicar

que é nas famílias tradicionais que as crianças parecem sentir-se mais confortáveis para falar com os seus pais comparativamente às famílias monoparentais (**tabela 7**).

Tabela 7. Quando tens algum problema pessoal sentes-te confortável para falares com os teus pais.

	Concordo / Concordo totalmente	N
Vive com Pai e Mãe	92%	61
Vive só com o Pai	57%	4
Vive só com a Mãe	66%	21

Em relação à resolução de problemas em família, quer nas famílias tradicionais, quer nas famílias monoparentais, as crianças não parecem ter problemas em falar com os seus pais acerca dos seus problemas pessoais (**tabela 8**).

Tabela 8. Se existir algum problema, tu e a tua família tentam resolvê-lo em conjunto.

	Concordo / Concordo totalmente	N
Vive com Pai e Mãe	95%	63
Vive só com o Pai	88%	6
Vive só com a Mãe	84%	27

No que toca à preocupação dos pais em relação ao desempenho escolar, podemos verificar que na generalidade os pais preocupam-se com este assunto, sendo que nas famílias monoparentais masculinas a preocupação tende a ser ligeiramente menor (**tabela 9**).

1510

Tabela 9. Os teus pais preocupam-se com as tuas notas escolares.

	Concordo / Concordo totalmente	N
Vive com Pai e Mãe	98%	65
Vive só com o Pai	86%	6
Vive só com a Mãe	91%	29

É novamente na família tradicional onde as crianças se sentem mais ajudadas na realização dos trabalhos de casa, seguindo-se pela família monoparental feminina. É importante referir que apesar de existir uma grande preocupação com as notas escolares dos filhos, a ajuda na realização dos trabalhos de casa não é tão alta nas famílias monoparentais masculinas (**tabela 10**).

Tabela 10. Os teus pais ajudam-te a fazer os trabalhos de casa.

	Concordo / Concordo totalmente	N
Vive com Pai e Mãe	85%	56
Vive só com o Pai	57%	4
Vive só com a Mãe	75%	24

Quanto o incentivo ao estudo, os dados apresentados são idênticos ao da preocupação com as notas escolares dos filhos. Parecendo indicar que os pais que se preocupam com as notas escolares também incentivam os seus filhos a estudar mais, sendo este fenómeno mais visível nas famílias tradicionais e monoparentais femininas (**tabela 11**).

Tabela 11. Os teus pais incentivam-te a estudar.

	Concordo / Concordo totalmente	N
Vive com Pai e Mãe	99%	65
Vive só com o Pai	86%	6
Vive só com a Mãe	94%	29

Em relação ao desempenho escolar, a maioria dos inquiridos considera que têm um bom desempenho escolar. Observando-se uma maior percentagem nas famílias tradicionais (**tabela 12**).

Tabela 12. Concordas que tens um bom desempenho escolar.

	Concordo / Concordo totalmente	N
Vive com Pai e Mãe	94%	62
Vive só com o Pai	86%	6
Vive só com a Mãe	84%	27

Tal como no desempenho escolar, os inquiridos também consideram que têm uma boa capacidade de aprendizagem, independentemente da sua tipologia familiar. Sendo que nas famílias monoparentais masculinas essa percentagem é de 100% (**tabela 13**).

1511

Tabela 13. Concordas que tens uma boa capacidade de aprendizagem.

	Concordo / Concordo totalmente	N
Vive com Pai e Mãe	96%	63
Vive só com o Pai	100%	7
Vive só com a Mãe	94%	30

No que diz respeito ao esforço das crianças em alcançar os seus objetivos escolares, é novamente nas famílias tradicionais onde essa percentagem é maior, sendo uma vez mais nas famílias monoparentais masculinas que se observa uma percentagem menor (**tabela 14**).

Tabela 14. Achas que te esforças para alcançar os teus objetivos.

	Concordo / Concordo totalmente	N
Vive com Pai e Mãe	96%	63
Vive só com o Pai	72%	5
Vive só com a Mãe	87%	28

Relativamente às dificuldades sentidas na escola, apenas uma pequena percentagem afirma sentir essas dificuldades. No entanto, contrariamente a outras variáveis, é nas famílias tradicionais onde os inquiridos revelam sentir mais dificuldades (**tabela 15**).

Tabela 15. Sentes que tens dificuldades na tua vida escolar.

	Concordo / Concordo totalmente	N
Vive com Pai e Mãe	27%	17
Vive só com o Pai	14%	1
Vive só com a Mãe	13%	4

Por fim, ao questionar os alunos se o sucesso escolar está ou não ligado a fatores de sorte ou azar. Embora a maioria discorde, é nas famílias tradicionais onde essa discordância é menor (**tabela 16**).

Tabela 16. Consideras que o sucesso escolar pode estar ligado a fatores de sorte e azar.

	Discordo / Discordo totalmente	N
Vive com Pai e Mãe	74%	49
Vive só com o Pai	86%	6
Vive só com a Mãe	87%	28

3.2. Verificação das hipóteses

Hipótese 1. *Com o aparecimento de novas estruturas familiares, as famílias tornam-se mais frágeis e instáveis e com uma maior vulnerabilidade.*

1512

Os dados parecem indicar que apesar do aparecimento de novas estruturas familiares, as famílias mantêm-se unidas, estáveis e continuam a dar prioridade e atenção aos filhos, não existindo vulnerabilidades associadas, tanto nas famílias tradicionais como nas monoparentais.

Hipótese 2. *Os jovens tendem em adotar uma série de sentimentos de medo e abandono por parte dos pais devido à falta de comunicação entre pais e filhos.*

Embora seja nas famílias monoparentais onde as crianças se sentem menos confortáveis para falar com os pais sobre os seus assuntos pessoais, os dados não vão ao encontro desta hipótese e indicam que a grande maioria das crianças sentem que existe comunicação entre os pais e os filhos, tanto para a resolução de problemas em conjunto como para o apoio nas suas decisões pessoais, sejam eles pertencentes a famílias tradicionais ou monoparentais.

Hipótese 3. *O (in) sucesso escolar dos jovens é determinado por uma série de fatores, tais como pessoais, familiares, pedagógicos e sociais, sendo o apoio parental um fator importante para o sucesso escolar.*

Os dados apresentados validam esta hipótese, pois revelam que o sucesso escolar depende muito do esforço exercido pelos alunos e pela sua capacidade de superar as dificuldades durante o percurso escolar e não apenas por fatores de sorte ou azar. O apoio parental é um fator bastante importante, existindo um grande incentivo e apoio para que os filhos tenham os melhores resultados possíveis.

Hipótese 4. *Os jovens inseridos em famílias monoparentais detêm um maior insucesso escolar do que nas famílias tradicionais.*

Os dados da nossa amostra não validam esta hipótese, quer sejam famílias tradicionais ou monoparentais, as percentagens demonstram que a grande maioria das crianças não têm quaisquer dificuldades escolares e sentem-se bastante apoiadas pelas suas famílias, o que não nos permite aferir que a tipologia familiar esteja diretamente ligada ao (in)sucesso escolar.

CONCLUSÕES

Tendo como objetivo a perceção das crianças face à sua família, o estudo demonstra que estas têm uma opinião positiva em relação ao ambiente familiar a que pertencem, não apontando perceções negativas relevantes. Quanto à análise do sucesso escolar das crianças, a grande maioria, sejam elas pertencentes a famílias tradicionais ou monoparentais, concordam que têm um bom desempenho escolar, não existindo dificuldades ou incapacidades escolares.

1513

Embora de um modo geral não se possa aferir que as tipologias familiares estejam relacionadas com o (in)sucesso escolar, será correto afirmar que é nas famílias tradicionais onde se verifica um maior apoio por parte dos pais. Contudo, apesar da percentagem ser menor, a grande maioria das crianças inseridas em famílias monoparentais sentem um total apoio por parte do pai e da mãe.

O tempo em família é essencial para o bem-estar físico e psicológico da criança, proporcionando momentos de pura felicidade e harmonia no contexto familiar em que esta está inserida. Assim como o tempo disponibilizado em família, também a comunicação, confiança, confidencialidade e apoio são essenciais entre pais e filhos, e isso é observável através dos resultados obtidos. Continua a ser nas famílias tradicionais onde as crianças se sentem mais confiantes com os seus pais, existindo uma maior comunicação entre os familiares para a resolução de problemas, assim como uma maior aceitação das decisões das crianças e apoio por parte das suas famílias. No entanto, importa referir que os resultados

obtidos em relação às famílias monoparentais também são muito relevantes, existindo uma diferença mínima entre as famílias monoparentais.

Isto demonstra que apesar das crianças viverem só com a mãe ou só com o pai, a atenção, dedicação e apoio é sentido por parte dos filhos e isto proporcionando um sentimento de conforto e segurança em contexto familiar.

Em relação às questões económicas, é nas famílias tradicionais onde a grande maioria discorda ter quaisquer dificuldades, sendo nas famílias monoparentais onde as dificuldades económicas são mais sentidas.

A análise das crianças sobre o seu próprio sucesso escolar, conforme os dados indicam, não existe uma grande diferença entre as crianças de famílias tradicionais e as de famílias monoparentais.

A grande maioria dos inquiridos consideram que as suas famílias incentivam ao estudo, assim como apoiam e ajudam na realização dos trabalhos de casa por exemplo. Podemos também concluir, em relação à preocupação dos progenitores em relação aos resultados escolares dos seus filhos, que as crianças inseridas em famílias tradicionais demonstram não ter quaisquer dificuldades escolares, concordando que têm um bom desempenho e uma boa capacidade de aprendizagem. Nas famílias monoparentais os resultados são idênticos, pois consideram igualmente não ter problemas ao nível escolar, demonstrando que o sucesso escolar se faz através do esforço e dedicação e não por fatores de sorte ou azar.

1514

Desta forma podemos concluir que independentemente da tipologia familiar, sejam de famílias tradicionais ou monoparentais o sucesso escolar está inteiramente ligado ao esforço, dedicação e apoio familiar, e não pelo tipo de família que a criança está inserida. Apesar de viverem só com o pai, só com a mãe ou com ambos, a grande maioria sente-se apoiada, segura e amada pela sua família. Assim, indo ao encontro da problemática inicial, a monoparentalidade não tem uma influência significativa no sucesso escolar das crianças.

Embora já comece a existir alguma pesquisa referente à temática familiar, ainda há muitos fatores que merecem ser explorados e aprofundados que podem ser úteis em futuras investigações.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Madalena. (des) Equilíbrios Familiares. Coimbra: Edição Quarteto, 2002.

ALMEIDA, Leandro da Silva, MIRANDA, Lúcia ; GUISANDE, María Adelina. Atribuições causais para o sucesso e fracasso escolares. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 25, n. Estud. psicol. (Campinas), 2008 25(2), p. 169-176, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-166x2008000200001>

AZEVEDO, Joaquim. Como se tece o (in)sucesso escolar: o papel crucial dos professores. In *Ciclo de Seminários de Aprofundamento em Administração e Organização Escolar: Sucesso Escolar, Indisciplina, Motivação, Direção de Escolas e Políticas Educativas*, 2.º, Porto, Portugal, 25 Janeiro - 16 Maio, 2012. (Seminário “Promoção do sucesso escolar”). 12 p. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/22381>

BECKER, Daniel. *O que é adolescência*. Brasiliense, 2017. Disponível em: <https://shre.ink/k9S4>

BOLÍVAR, Antonio. Equidad educativa y teorías de la justicia. *REICE. Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación*, 2005, 3.2: 42-69. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=55103205>

DIAS, Maria Olívia. A família numa sociedade em mudança. Problemas e influências recíprocas. *Gestão e Desenvolvimento*, n. 9, p. 81-102, 1 jan. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2000.8>

GUERRA, Paulo. O regime jurídico do divórcio e das responsabilidades parentais em Portugal. In A. Anciães, R. Agulhas & R. Carvalho (Eds.), *Divórcio e Parentalidade: diferentes olhares do Direito à Psicologia* (1st ed., pp. 9-265). Edições Sílabo, 2018.

1515

JIMÉNEZ TALLÓN, María de los Angeles, et al. Evaluación del clima familiar en una muestra de adolescentes. *Revista de psicología general y aplicada: Revista de la Federación Española de Asociaciones de Psicología*, 1999, 52.4: 453-462. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2498376>

LAUWE, Paul-Henri de; LAUWE, Marie-José Chombart de. A evolução contemporânea da família: estruturas, funções, necessidades. *Análise social*, 1965, 475-600, 1965. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41008331>

MARTINI, Mirella Lopez; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. Atribuições de causalidade e afetividade de alunos de alto e baixo desempenho acadêmico em situações de sucesso e de fracasso escolar. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 2005, 39.3: 355-368. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/227353142>

MINUCHIN, Salvador. *Famílias: Funcionamento e Tratamento*. Trad. J.A. Cunha. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1982.

NAÇÕES UNIDAS. Universal Declaration of Human Rights – Portuguese, 1948. Disponível em: <https://shre.ink/k9Si>

PALACIOS, Jesús. O que é a adolescência. *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*, 1995, 1.2: 263-272. Disponível em: <https://shre.ink/k9Sy>

PORDATA. *Base de Dados Portugal Contemporâneo*. 2021. Disponível em: <https://shre.ink/k9Sn>

PORDATA. *Base de Dados Portugal Contemporâneo*. 2021. Disponível em: <https://shre.ink/k9SC>

PRADO, Danda. *O que é família*. Brasiliense, 2017. Disponível em: <https://shre.ink/k9SK>

RAMIRES, Vera Regina Röhnelt. Family transitions: the perspective of children and preadolescents. *Psicologia em Estudo*, 2004, 9: 183-193. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/262776665>

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos. Família e “socialização”: um aspecto da evolução social contemporânea. *Análise social*, 1969, 67-84. Disponível em: <https://shre.ink/k9XK>

SCHAFFER, Heinz Rudolph. La socialización y el aprendizaje en los primeros años. *Infancia y aprendizaje*, 1980, 3.9: 73-83. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02103702.1980.10821778>

SILVA, Renato Jesus da; GUEDES, Maria do Carmo. A evolução do conceito de grupo em Silvia Lane. *Psicologia Revista*, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 181-197, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/27795>

VÁSQUEZ RÚA, Clara Inés. Las nuevas tipologías familiares y los malestares interrelacionales que se suscitan en ellas. *Revista Virtual Universidad Católica del Norte*, 2005, 14. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=194220381002>

1516

WAGNER, Adriana; TRONCO, Cristina; ARMANI, Ananda Borgert. Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. *Desafios psicossociais da família contemporânea: Pesquisa e reflexões*, 2011, 19-35. Disponível em: <https://shre.ink/k9Sx>

WALL, Karin. Famílias monoparentais. *Instituto Universitário de Lisboa*. 51-66, 2003. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/292>

WEINER, B. Attribution theory in education. *Revista Portuguesa de Educação*, 1988, 1.1: 21-25.

WEINER, Bernard. *An attributional theory of motivation and emotion*. New York: Springer-Verlag, 1986.